



Microfone Aberto: Tradução do episódio com Alejandro Rosso

Tudo bem? Meu nome é Alejandro Rosso, sou do México, sou músico da cidade de Monte Rey, já tenho muitos anos neste negócio. Comecei com um projeto chamado Plastilina Mosh, em 1994. Lançamos 5 discos, vários deles editados em outros países. Além disso, faço trilha sonora para filmes, produzo outros artistas e gosto de trabalhar com tudo o que está relacionado à música.

Meu processo criativo de composição não depende de uma rotina. Não é algo que se pode controlar. Como eu acho que acontece com outros compositores, no momento mais esperado é que chega a ideia. Gosto mais de trabalhar sem instrumentos. Não gosto de me sentar com um instrumento e criar algo. Prefiro ter uma ideia na cabeça, ouvir, imaginar e estar nessa relação criativa muito sutil de ouvir as coisas. Depois que a ideia volta algumas vezes sinto que já posso pensar na composição com os instrumentos. Então, esse é um processo que eu gosto muito porque sinto que dessa maneira você não limita a composição à sua maneira de tocar um instrumento; se é muito bom ou melhor com algum instrumento do que com outros. Creio que é melhor, então, compor começando pela ideia na cabeça. O problema é que você pode estar dormindo, acordar com uma ideia e não conseguir dormir mais, mas isso é bonito.

Participar de uma residência artística, neste caso, no Brasil, assim como em qualquer outro lugar, é muito gratificante e muito divertido, porque não tem uma pressão com um deadline ou prazo para que você fazer ou entregar algo finalizado ou uma pressão de gravadora para que faça algo. Então é muito relaxante e também muito rico para a criatividade estar em um lugar como o Brasil e como o Rio, que oferece tanto culturalmente. Principalmente para mim, que nunca tinha tido a oportunidade de vir. Tive muitas dessas ideias durante a noite que me fizeram perder o sono. Fico honrado e espero que seja divertido para todos e não só para mim. Que seja divertido para todos que estão participando e me conhecendo; com os workshops. Que possam aprender algo interessante.

Em relação à música brasileira, como mexicano, aprecio toda a obra musical no Brasil, desde o mais antigo e não somente da música popular de Villa Lobos e todo esse

universo sonoro, mas também toda a parte popular e mais comum da bossa nova e todo o universo da percussão brasileira. Então Caetano Veloso, Marcos Valle, Paralamas do Sucesso... Agora que estou no Rio tenho conhecido muitas coisas, tanto as mais antigas quanto atuais que têm chamado muito a minha atenção. Acredito que temos algo que nos une, uma ponte que nos conecta inconscientemente e sonoramente. O brasileiro tem muito ritmo e muito "Sazon", como falamos em espanhol. Até o modo como vocês falam é bonito, com uma tonalidade; é muito musical.

Acho que as coisas que gostamos nos influenciam, mas também as coisas que não gostamos podem acrescentar muito. Eu tendo a ter, obviamente, influências musicais de coisas que aprecio - desde música como a que eu estudei, de música barroca e antiga, Bach e todo esse mundo. O mundo do piano também e todas as épocas desse instrumento. Porém também gosto muito de música popular e gosto muito de escutar músicas ruins ou então, como posso dizer... "não agradáveis", porque assim também já sei que não gosto daquela sonoridade e não quero reproduzi-la. Por isso que digo que tenho muitas influências. A maioria das coisas que eu não gosto me influencia.

É difícil para mim definir um trabalho mais importante na minha carreira porque acho que, assim como para um jogador de futebol a partida seguinte é a mais importante, para mim o mais importante é o que virá. Agora o mais importante para mim é o que estou fazendo no Rio de Janeiro. Se for parar para pensar, tenho algumas composições que gosto mais ou que tenho lembranças de como foram feitas ou com quem gravei e isso também tem alguma importância para mim, mas não acho que tenha alguma música ou álbum que tenha me marcado mais. Pude trabalhar com pessoas que eu admirava e que escutava e que depois colaborei com elas no estúdio e isso é algo muito bonito. Fazer shows e ver as pessoas desfrutando seu som é também, obviamente, muito bonito.

Para trabalhar com trilha sonora, a maior dificuldade que eu vejo é de traduzir em uma ideia sonora alguma ideia que algum produtor ou diretor teve e que não era sonora. Por exemplo, quando eles dizem que querem escutar azul ou escutar vermelho ou forte. Isso é muito subjetivo e é difícil poder entender e decodificar essa linguagem não-musical de um terceiro e dar a emoção sonora que eles estavam buscando originalmente. O mais fácil é quando te dizem para você fazer o que quiser e então você pode se colocar em uma cena e começar a ver o universo daquele ambiente para reforçá-lo.

O conselho que posso dar para quem está começando nessa carreira, seja de músico, compositor, engenheiro de som, produtor é que... Creio que tive sorte de viver isso cedo na minha carreira... É fazer as coisas para que uma pessoa goste; para que uma pessoa vibre, sem esperar que as demais apreciem também ou que alguém importante vai assinar para gravar um disco. As coisas vão muito melhor e mais naturais quando você não se preocupa com isso e é egoísta na sua criação. Dessa maneira, acho que quando as pessoas sentem afinidade fica muito mais fácil alcançar as metas que depois podem ser apresentadas.